

Libertos em uma Economia Escravista: Minas Gerais em 1831

Herbert S. Klein
Clotilde Andrade Paiva

Columbia University
CEDEPLAR - Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Utilizando-se de listas nominativas de habitantes de dois municípios mineiros no século XIX, este artigo procura mostrar que a população de cor livre (toda de origem escrava) pode ser encontrada em todas as ocupações exercidas pelo segmento de cor branca, e que essas pessoas viveram em uma organização social e demográfica muito parecida com a de seus contemporâneos de origem não escrava. Também mostra que, vivessem as pessoas de cor em meio a populações afro-brasileiras ou predominantemente entre brancos, houve para elas pouca diferença em seus padrões de trabalho e organização social em relação a seus vizinhos brancos. Por fim, mostra que os livres de cor foram importantes proprietários de escravos. Estes achados inserem-se na discussão sobre as raízes históricas das relações raciais no Brasil

PALAVRAS-CHAVE

demografia histórica, história de Minas Gerais, livres de cor, libertos

ABSTRACT

Using unpublished census manuscripts of nineteenth century Minas Gerais, this paper deals with free colored population. The authors argue that freedmen were to be found in all occupations practiced by their contemporary white neighbors and experienced much of the same social and demographic organization as their non-slave-originated peers. It will also be show that whether they lived among predominantly Afro-Brazilian populations or among predominantly white ones, there was little difference in the patterns of work and social organization for the free colored from those of their white neighbors. Finally, it shows that freedmen were even significant slave owners in their own right.

KEY WORDS

historical demography, history of Minas Gerais, free colored population

Praticamente ninguém contesta que o Brasil, no início do século XIX, tinha a maior população de cor livre de todas as sociedades escravistas da América. Na época do primeiro censo nacional, em 1872, as pessoas de cor livres - todas com origens escravas - perfaziam 4,2 milhões, em contraste com apenas 1,5 milhão de cativos afro-brasileiros. Ademais, essas pessoas de cor livres compunham o maior grupo definido segundo raça/condição social no próprio Brasil. (KLEIN, 1969; KLEIN, 1986, cap. 10) Entretanto, essa foi uma época em que a economia cafeeira escravista estava chegando à maturidade, e o preço dos escravos encontrava-se em uma fase ascendente havia muito tempo. (FRAGINALS, KLEIN & ENGERMAN, 1983) Também praticamente não se questiona a idéia de que a sociedade brasileira, como todos os demais regimes escravistas, era racista, e que a elite branca discriminava de várias maneiras seus libertos, ainda que permitisse um nível muito elevado de alforrias.¹ Porém, até o presente, não temos uma boa noção de como esses libertos foram integrados ao mundo do livre mercado. Teriam sido barrados nas vias normais de mobilidade econômica e social, como ocorreu, por exemplo, entre as pessoas de cor livres nos Estados Unidos?² Ou teriam sido bem mais integrados do que os célebres casos de racismo parecem sugerir? De fato, poderia a longa resistência à consciência negra no Brasil e a autopercepção dos brasileiros como uma sociedade racialmente harmoniosa estarem relacionadas à experiência daqueles numerosos libertos afro-brasileiros muito antes da abolição da escravidão?

Procuraremos demonstrar neste ensaio que, de fato, a população de cor livre, exceto no nível da elite, pode ser encontrada em todas as ocupações exercidas por seus vizinhos brancos contemporâneos e que essas pessoas viveram em uma organização social e demográfica muito parecida com a de seus semelhantes de origem não-escrava. Também mostraremos que, vivessem as pessoas de cor livres em meio a populações predominantemente afro-brasileiras ou predominantemente entre brancos, houve para elas pouca diferença em seus padrões de trabalho e organização social em relação a seus vizinhos brancos. Por fim, demonstraremos que os próprios libertos foram importantes proprietários de escravos.

1 Ver, por exemplo, AZEVEDO (1987) e SCHWARZ (1987).

2 Minas Gerais tem muito em comum com a Virgínia em tamanho e atividade econômica. Contudo, neste estado escravista altamente liberal, o liberto era uma figura completamente marginalizada a quem por lei se negava o acesso à mobilidade e à propriedade. Ver JACKSON (1968).

Surpreendentemente, apesar de todos os estudos recentes sobre a escravidão africana no Brasil, poucos há que se ocupem da vida da população de cor livre.³ É nosso objetivo analisar essa negligenciada classe de brasileiros de cor servindo-nos das mesmas fontes que foram recentemente pesquisadas para o estudo da escravidão no Brasil. Por muitos anos, economistas e historiadores brasileiros têm explorado o tema da escravidão em princípios do século XIX em São Paulo e Minas Gerais, empregando os mapas ou censos de população e produção, anteriormente não publicados e não analisados, que foram levantados em ambas as regiões com alguma regularidade desde a década de 1770 até o início da década de 1840. Esses censos extraordinários permitiram aos estudiosos reformular visões anteriores sobre a sociedade rural e o sistema escravista nessas regiões brasileiras economicamente dinâmicas. Em vez de um grande sistema hegemônico de *plantation*, como suposto na original obra de Gilberto Freyre, descobriu-se que a maior parte do Brasil no século XIX consistia em pequenas propriedades escravistas incrustadas em uma economia com uma grande proporção de mão-de-obra livre. Nessas duas regiões, por exemplo, os próprios escravos nunca excederam um terço da força de trabalho total, e os domicílios de proprietários de escravos nunca perfizeram mais do que um terço de todos os domicílios.⁴ Em suma, o tamanho e o peso relativo da população escrava e seus senhores no Brasil diferiu bem pouco dos encontrados nos Estados Unidos na mesma época.⁵

3 Evidentemente existem vários estudos sobre as pessoas de cor livres. Contudo, eles tratam de aspectos específicos da vida daquelas pessoas, estudam amostras muito pequenas e não representativas ou incluem as pessoas de cor livres em um contexto maior não-diferenciado de uma população livre pobre. A vida religiosa das pessoas de cor livres urbanas no Nordeste foi estudada em RUSSELL-WOOD (1982). A riqueza de uma amostra de ex-escravos de primeira geração, também em um contexto urbano, encontra-se analisada em OLIVEIRA (1988). As agruras sofridas por brancos e pessoas de cor livres pobres sob a escravidão foram abordadas nos clássicos estudos de FRANCO (1969) e MELLO E SOUZA (1982). Uma interessante análise comparativa do tratamento das pessoas de cor livres no sistema criminal urbano encontra-se em ALGRANTI (1988). Porém, de um modo geral, não existe ainda um estudo sistemático de seu papel na economia e sociedade na área urbana, ou, mais importante, na área rural, onde eles predominantemente se situavam.

4 Um exame geral das descobertas recentes pode ser encontrado em SCHWARTZ (1982). Bons sumários do material existente sobre Minas Gerais estão em PAIVA & KLEIN (1994) e, para São Paulo, em LUNA & KLEIN (1991). Entre os estudos pormenorizados sobre Minas Gerais estão: PAIVA (1988); PAIVA (1989); PAIVA *et alii* (1990); LIBBY & GRIMALDI (1988); PAIVA & LIBBY (1992). Estudos mais antigos baseados nesses censos manuscritos não publicados incluem, entre outros: LUNA (1981); LUNA & COSTA (1982); COSTA (1982); COSTA (1979); RAMOS (1978); RAMOS (1979). Os mapas da província de São Paulo foram usados nos seguintes estudos: COSTA & GUTIÉRREZ (1985); GUTIÉRREZ (1987); GUTIÉRREZ (1988); MOTTA (1988); RANGEL (1993).

5 Cabe ressaltar que Minas Gerais e São Paulo eram sistemas escravistas (como definido por Finley e outros estudiosos) devido à concentração de cativos nas partes mais capitalistas da economia local. Mas os próprios escravos não eram os trabalhadores mais numerosos nessas regiões. Nos Estados Unidos, os proprietários de escravos nos estados sulistas representavam apenas 31% da população livre total em 1850. (GRAY, 1932, v. 1, p. 482)

Mas o aspecto em que o Brasil realmente diferiu dos Estados Unidos em um grau considerável é a raça de sua população livre. Enquanto mais de 95% dos domicílios sem escravos eram compostos de brancos nos Estados Unidos, no Brasil essa porcentagem tendia a ser menor do que 50%.⁶ Os libertos também eram encontrados como chefes de domicílios com escravos em números muito significativos, mais uma vez contrastando acentuadamente com os Estados Unidos, onde menos de 1% de todos os proprietários de escravos eram não-brancos. Porém, apesar de sua importância, os libertos não receberam a devida atenção nos estudos recentes.⁷

Neste estudo inicial sobre os libertos, decidimos examinar a maior província brasileira em população total, escravos e pessoas de cor livres: Minas Gerais. Dessa província selecionamos as listas de habitantes de 1831, documentos não publicados, referentes a dois municípios importantes⁸: Campanha, na região sudoeste da província, e Sabará, na área central, próximo à atual Belo Horizonte. Ambas as regiões têm uma semelhança aproximada em estrutura e tamanho de sua população e no exercício de atividades agrícolas e artesanais. Embora ainda houvesse em Sabará alguma atividade mineratória (a extração do ouro tornara célebre essa região no século XVIII, mas declinara após 1750), esse já não era o setor predominante da economia local. Em fins do século XVIII, a província de Minas Gerais transformara-se em uma economia agrícola, proto-industrial e mineratória mista muito complexa, na qual a produção aurífera era um elemento secundário mas ainda importante. A economia de Minas Gerais, com suas exportações de açúcar, aguardente, gêneros alimentícios e tecidos de algodão de baixa qualidade, lembrava mais a economia da província vizinha, São Paulo, do que a si mesma no período colonial anterior.

Campanha e Sabará eram bem típicas da província como um todo no aspecto da concentração na agricultura, com uma participação pequena porém importante das atividades de manufaturas de tecidos grossos, trabalhos em metal e madeira e mineração. Nas duas zonas havia uma significativa indústria de refinação de açúcar produtora de aguardente para consumo local, e ambas possuíam também um setor

6 Sobre os aproximadamente 5% de domicílios de livres compostos por pessoas de cor em 1830, ver WOODSON (1925); WOODSON (1924). Gray calcula que em 1860 no sul dos Estados Unidos apenas 3% da população não-proprietária de escravos compunha-se de pessoas de cor livres. (GRAY, 1932, v. 1, p. 481-482)

7 As poucas exceções a esse descaso são: SAMARA (1977); COSTA (1992).

8 Na geografia política do Brasil oitocentista, o município era o equivalente ao condado norte-americano, e designava um distrito urbano e suas áreas rurais circundantes até as fronteiras com o município vizinho.

comercial muito ativo. Embora a auto-suficiência fosse considerável, ambas as zonas estavam estreitamente ligadas a uma economia regional mais ampla que incluía um comércio bastante ativo com as províncias litorâneas vizinhas.⁹

Mas havia também diferenças importantes entre Sabará e Campanha, das quais a mais significativa era a composição racial. Foi este fator específico que justificou nossa seleção dessas duas regiões diferentes. Usando os extremos em composição racial representados por esses dois municípios, podemos verificar se a estrutura racial teria sido ou não um fator crucial para determinar a integração ou rejeição dos libertos na sociedade não-escrava. Pelos padrões raciais de Minas Gerais na primeira metade do século XIX, essas duas regiões incorporam os extremos. Campanha está entre os municípios mineiros com maior porcentagem de brancos, e Sabará, de negros. Sabará fora um dos principais distritos mineratórios, possuidor de uma grande força de trabalho escrava, o que, por sua vez, explica sua incidência altíssima de população de cor. O declínio da economia aurífera na segunda metade do século XVIII obrigara Sabará, com seus numerosos povoados, a dedicar-se mais à agricultura e atividades artesanais. Campanha, onde não ocorrera o *boom* mineratório, era uma área de desenvolvimento mais recente e se concentrara desde o início no cultivo de seu solo fértil. Situando-se nas proximidades do grande mercado do Rio de Janeiro, a economia açucareira, pecuarista e agrícola de Campanha estava mais voltada para a exportação do que a de Sabará, que era mais distante. A ausência de um passado mineratório, o desenvolvimento mais recente e o conseqüente afluxo de migrantes, bem como sua orientação para as exportações, explicam por que Campanha era uma área de grande concentração de residentes brancos. Esses dois municípios representam, assim, os padrões mais básicos evidentes na província de Minas Gerais, incorporando, de um lado, uma nova e importante economia agrícola exportadora com reduzidas concentrações urbanas e, de outro lado, uma economia com uma base mais urbanizada e combinada à agricultura e artesanato, incluindo alguma atividade mineratória remanescente. As cerca de 74.000 pessoas encontradas dentro das fronteiras desses dois municípios representavam aproximadamente 12% da população total da província, a qual, por sua vez, era a mais populosa do império brasileiro no século XIX.¹⁰

9 Segundo um levantamento fiscal de 1836, Campanha contava com 93 engenhos, e Sabará com cerca de 157, perfazendo, assim, 14% do total da província. Também foram mencionadas, respectivamente, 472 e 275 vendas que, juntas, perfaziam 16% do total apresentado para Minas Gerais. (PAIVA & GODOY, 1992, p. 38, Tabela 1)

10 Devido à definição mutável dos distritos, é difícil comparar Campanha e Sabará ao longo dos vários censos. Em 1821, esses dois municípios possuíam uma população conjunta de 104.000 pessoas, perfazendo 20% do total da província (MATOS, 1981, v. 2, p. 45-50), enquanto o censo de 1835 mostrava as duas zonas com um total de 87.000 pessoas e apenas 12% da população mineira total. Neste segundo censo, Campanha tinha quase 3.000 pessoas a menos do que em 1831, e Sabará cerca de 15.000 a mais. (PAIVA & GODOY, *op. cit.*)

Apesar de Campanha ter um dos maiores índices de brancos entre os municípios de Minas Gerais, ainda assim a maioria de sua população - como no caso de Sabará - foi classificada como afro-brasileira (ver Tabela 1). Em Campanha, 54% da população total, livre e escrava, compunha-se de não-brancos; em Sabará, os não-brancos perfaziam 83%. Mas o peso relativo dos libertos diferia nas duas comunidades. As pessoas de cor livres compunham menos da metade do total da população de cor (ou 46%) em Campanha. Em Sabará, que possuía aproximadamente a mesma porcentagem total de cativos que Campanha, os libertos eram maioria, perfazendo 66% do total dos afro-brasileiros. Em Campanha apenas 34% da população livre compunha-se de não-brancos, ao passo que 77% das pessoas livres foram classificadas como não-brancas em Sabará.

**TABELA 1 - POPULAÇÃO TOTAL SEGUNDO SEXO E COR NOS
MUNICÍPIOS DE SABARÁ E CAMPANHA EM 1831**

COR	LIVRES		ESCRAVOS		TOTAL		
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Total
I - SABARÁ							
Branco	3195	3307	3195	3307	6502
Pardos	8614	9520	827	806	9441	10326	19767
Pretos crioulos	1302	1796	2878	2832	4180	4628	8808
Africanos	141	151	2799	970	2940	1121	4061
Subtotal*	13252	14774	6504	4608	19756	19382	39138
II - CAMPANHA							
Branco	8187	7920	8187	7920	16107
Pardos	3372	3536	709	548	4081	4084	8165
Pretos crioulos	459	508	2096	2080	2555	2588	5143
Africanos	218	189	3329	1289	3547	1478	5025
Subtotal**	12236	12153	6134	3917	18370	16070	34440

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, Seção Provincial, Mapas de População, Pasta 1, Doc. 12; Pasta 7, Doc. 1; Pasta 10, Docs. 2, 6, 14-22.

Notas: * Em Sabará havia 39.347 pessoas no total, das quais 209 não contêm indicação de sexo, cor e condição social.

** Em Campanha havia 35.178 pessoas arroladas, das quais 738 não contêm indicação de cor e sexo (destas, 730 eram livres e 8 escravas).

A maioria dos libertos não vivia em domicílios possuidores de escravos, e esse padrão não diferia significativamente entre os dois municípios (ver Tabela 2). Os domicílios sem escravos compunham 70% do total de domicílios nos dois casos, mas a participação total dos libertos nesses domicílios sem escravos divergia devido ao peso diferente de cada grupo em suas respectivas áreas. Em Campanha, onde os libertos compunham apenas 34% do total de pessoas livres, eles chefiavam 45%

dos domicílios sem escravos. Em Sabará, onde perfaziam 77% do total de livres, eles compunham 88% dos chefes de domicílios sem escravos. Em ambos os casos, o número total de pessoas de cor livres vivendo nesses domicílios sem escravos aproximava-se bastante de sua representação entre os chefes desses domicílios (43% em Campanha e 89% em Sabará). Embora a maioria das pessoas de cor livres nas duas comunidades vivesse longe dos cativos, é interessante notar que em Campanha, com participação maior de brancos, uma porcentagem maior de pessoas de cor livres foi encontrada em domicílios sem escravos (88%) do que no caso de Sabará, onde apenas 67% do total de libertos viviam em domicílios sem escravos.

TABELA 2- POPULAÇÃO LIVRE SEGUNDO SEXO E COR EM DOMICÍLIOS SEM ESCRAVOS, MUNICÍPIOS DE SABARÁ E CAMPANHA EM 1831

COR	hom.	mulh.	hom.	mulh.	Tamanho Médio	Chefes de Dom. Razão entre os Sexos	Total
	Chefes de Domic.		Popul.	Total			
I - SABARÁ							
Branco	400	153	967	1006	3,6	261	96
Pardos	2178	1069	6575	7266	4,3	204	90
Pretos crioulos	410	387	1140	1566	3,4	106	73
Africanos	66	36	102	98	2,0	183	104
Subtotal*	3054	1645	8784	9936	4,0	186	88
II - CAMPANHA							
Branco	1802	330	4940	4897	4,6	546	101
Pardos	1078	335	3034	3098	4,3	322	98
Pretos crioulos	132	82	349	415	3,6	161	84
Africanos	74	43	174	207	3,3	172	84
Subtotal**	3086	790	8497	8617	4,4	391	99

Notas: * Em Sabará, do total de 4.753 domicílios sem escravos, 54 eram chefiados por pessoas para quem não foi indicado sexo ou cor.

** Em Campanha, do total de 3.896 domicílios sem escravos, 20 eram chefiados por pessoas para quem não foi indicado sexo ou cor.

Como evidencia sua distribuição, em nenhum dos municípios as pessoas de cor livres estiveram absolutamente confinadas aos domicílios sem cativos. Elas também foram encontradas em domicílios com escravos. Essa distribuição poderia ser esperada em qualquer sociedade escravista com um grande número de escravos recentemente alforriados, que tendiam a permanecer nos domicílios de seus ex-senhores. Porém, mais surpreendente é a significativa representação dos libertos entre os proprietários de cativos. Embora os brancos dominassem os domicílios com escravos em ambos os municípios, em Sabará uma elevadíssima porcentagem

(43%) dos domicílios com escravos era chefiada por homens ou mulheres não-brancos, enquanto na região de Campanha, com maior porcentagem de brancos, a participação ainda assim era significativa, atingindo 13%.

TABELA 3 - POPULAÇÃO LIVRE SEGUNDO SEXO EM DOMICÍLIOS COM ESCRAVOS, MUNICÍPIOS DE SABARÁ E CAMPANHA EM 1831

COR	hom. Chefes de Domic.	mulh. Chefes de Domic.	hom. Popul. Total	mulh. Popul. Total	Chefes de Dom. Razão entre os Sexos	Total
I - SABARÁ						
Branco	812	223	2228	2301	364	97
Pardos	534	205	2039	2254	260	90
Pretos crioulos	14	19	162	230	74	70
Africanos	0	4	39	53	...	74
Subtotal*	1360	451	4468	4838	302	92
II - CAMPANHA						
Branco	1152	228	3586	3451	505	104
Pardos	119	35	378	389	340	97
Pretos crioulos	19	8	56	52	238	108
Africanos	9	7	45	42	129	107
Subtotal**	1299	278	4065	3934	467	103

Fonte: A mesma da Tabela 1.

Notas: * Em Sabará, do total de 1.834 domicílios com escravos, 23 eram chefiados por pessoas para quem não foi indicado sexo ou cor.

** Em Campanha, do total de 1.539 domicílios possuidores de escravos, 16 eram chefiados por pessoas para quem não foi indicado sexo ou cor.

Essa distribuição dos libertos entre os dois grupos de domicílios, possuidores e não-possuidores de escravos, embora enviesada pela diferença na estrutura por cor, possivelmente poderia ser explicada, em grande medida, por fatores econômicos. Ter escravos requeria um nível de riqueza maior do que era usual na sociedade. Os legados do cativo sem dúvida implicavam que os libertos tinham níveis de poupança inicial muito mais baixos ao chegar à condição de livres, e também que traziam de seu passado escravo as desvantagens educacionais. Mas a maior pobreza histórica e familiar não pode explicar as divisões internas entre as pessoas de cor livres dos dois municípios. O resíduo de racismo na sociedade como um todo evidencia-se acentuadamente nas diferenças relativas de cor entre os libertos. Embora os pardos representassem 61% de todos os afro-brasileiros escravos e livres em Sabará, eles compunham 84% das pessoas de cor livres. Em Campanha, 45% do total de afro-brasileiros eram pardos, mas perfaziam 83% da categoria das pessoas de cor livres. Aqui o viés da cor contra os pretos salienta-se

marcadamente.¹¹ Os preconceitos raciais da sociedade branca indicavam que a alforria favoreceria os de origem racial mestiça em detrimento de seus companheiros não-mestiços.

É um tanto surpreendente que esses vieses de cor não pareçam tão pronunciados quando examinamos a cor dos chefes de domicílio entre os domicílios sem escravos, que eram a maioria. Em ambas as comunidades, obviamente, os pardos eram os mais numerosos chefes de domicílio entre as pessoas de cor livres. Porém, em ambas as comunidades a porcentagem de pardos que eram chefes de domicílio era menor do que se poderia imaginar com base no número total de pardos. Por exemplo, em Sabará, onde 83% das pessoas de cor livres residiam em domicílios sem escravos, apenas 78% dos chefes de domicílio sem escravos pertenciam ao grupo racial dos pardos. Em Campanha, onde 84% dos libertos em domicílios sem escravos eram pardos, apenas 81% desses domicílios eram chefiados por pessoas dessa cor.

Em contraste, entre os domicílios com escravos, ao menos em Sabará, as razões eram exatamente opostas. Os pardos compunham 90% de todos os libertos residentes em domicílios com escravos e 95% dos libertos chefes desses domicílios (e 41% do total de proprietários de cativos). Em Campanha, os domicílios com escravos assemelhavam-se mais aos sem escravos no que concerne ao papel desses pardos. Os pardos ali perfaziam 80% de todos os libertos residentes naqueles domicílios e 78% de todos os libertos proprietários de cativos (e 10% do total de proprietários de escravos).

Portanto, parece que, excetuando-se os pardos proprietários de escravos em Sabará, os africanos e pretos crioulos tiveram uma participação maior do que a esperada entre as pessoas de cor livres como chefes de domicílio. Isto parece indicar que, embora a entrada para a classe das pessoas de cor livres fosse provavelmente

11 A definição de cor que usamos aqui difere ligeiramente das tradicionais designações das três cores (pardo, preto e africano) empregadas nos censos da época, pois dividimos “pretos” em dois grupos: os nascidos no Brasil, ou pretos crioulos, e os que foram simplesmente arrolados como pretos, por nós considerados nascidos na África, juntamente com os que realmente receberam a designação “africano”. Juntamente com outros estudiosos de Minas (entre eles Douglas Libby), constatamos uniformemente que nos mapas manuscritos de Minas em 1831 e 1832 os termos “preto” e “africano” eram permutáveis. Quando não foi fornecida uma identidade africana, o termo preto crioulo foi usado para distinguir os pretos nascidos no Brasil. Tipicamente, encontramos escravos designados por “pretos” com nomes como José Minas ou Antonio Angola. Para testar adicionalmente a validade de nosso critério, comparamos estruturas demográficas dos quatro grupos de pessoas de cor e descobrimos que as razões entre os sexos, o número pequeno de crianças e a razão de idosos e a concentração de africanos nas faixas etárias de 10-14 e 30-34 eram muitos semelhantes às dos pretos, e que ambos diferiam marcadamente dos pretos crioulos e pardos.

influenciada pelo preconceito dos brancos, depois de essa classe organizar-se esse viés passou a ser muito menos influente na determinação da estratificação na comunidade autônoma das pessoas de cor livres.

Contudo, a raça não foi o único fator a estratificar os domicílios nessas duas regiões. O sexo do chefe de domicílio era mais importante para indicar seu estado civil do que a raça ou a propriedade de escravos (ver Tabela 4). Domicílios chefiados por solteiros, descasados ou viúvos tendiam a ser mais comuns para as mulheres do que para os homens. Por sua vez, essas mulheres solteiras, descasadas ou viúvas chefiavam domicílios que atuavam em esferas econômicas diferentes dos chefiados por homens de qualquer cor. Em geral se supõe, a partir de todos os estudos sobre tipos de domicílios, que os chefiados por mulheres solteiras ou viúvas tendiam a ser menos estáveis em termos sociais e mais pobres do que os domicílios chefiados por dois adultos. Neste aspecto, a cor evidencia pouca diferença, com brancos e pardos sendo muito semelhantes nas razões entre os estados civis nas duas regiões para ambos os sexos e para os dois tipos de domicílio, com e sem escravos, excetuando-se apenas os domicílios sem escravos chefiados por mulheres em Campanha (ver Tabela 4).

A influência do sexo ou estado civil do chefe de domicílio está presente até mesmo nos domicílios com escravos, supostamente mais ricos. Embora as mulheres que chefiavam domicílios com escravos tendessem a ser casadas ou viúvas em número bem maior do que as chefes de domicílios sem escravos, mesmo esses domicílios possuidores de cativos apresentavam proporções de pessoas solteiras quase três vezes mais elevadas do que entre os homens que chefiavam domicílios comparáveis. Ademais, esse fato não se restringe a apenas um grupo racial, pois os pardos nisso diferiram bem pouco dos brancos.¹² Mesmo em Campanha, entre os domicílios com escravos chefiados por mulheres, com a maior porcentagem de casadas atingida por mulheres chefes de domicílio, a porcentagem de solteiras ainda era de 21%. A riqueza relativamente maior de Campanha evidenciava-se não apenas nos índices mais altos de casadas e viúvas entre as mulheres chefes de domicílio, mas também no fato de que os homens, nos domicílios de pessoas livres e nos domicílios com escravos, tinham índices de casamento mais altos do que os homens chefes de domicílio de Sabará.

12 Embora os números muitas vezes sejam insuficientes para produzir razões significativas, parece que os pretos nascidos no Brasil e os africanos realmente diferiam mais dos pardos que estes dos brancos.

TABELA 4 - IMPORTÂNCIA RELATIVA DO ESTADO CIVIL DOS CHEFES DE DOMICÍLIO SEGUNDO SEXO E POSSE DE ESCRAVOS, MUNICÍPIOS DE SABARÁ E CAMPANHA EM 1831

TIPO DE DOMICÍLIO/ SEXO E COR	ESTADO CIVIL PORCENTAGEM				ESTADO CIVIL PORCENTAGEM			
	solteiro	casado	viúvo	nº	solteiro	casado	viúvo	nº
	I - SABARÁ				II - CAMPANHA			
I. SEM ESCRAVOS								
A. HOMENS	14%	81%	5%	3045	6%	91%	4%	3074
Branco	14	80	5	400	5	92	3	1798
Pardos	13	83	5	2172	6	90	4	1071
Pretos Crioulos	22	72	6	407	17	79	4	131
Africanos	21	67	12	66	4	89	7	74
B. MULHERES	61%	6%	36%	1626	40%	13%	47%	778
Branca	50	6	44	153	28	12	60	330
Pardas	58	6	36	1057	50	12	38	330
Pretas crioulas	72	4	24	380	46	16	38	79
Africanas	67	3	31	36	54	15	31	39
II. COM ESCRAVOS								
A. HOMENS	12%	80%	8%	1355	8%	88%	4%	1283
Branco	13	79	8	808	7	88	4	1140
Pardos	11	81	8	553	10	83	7	118
Pretos crioulos	0	100	0	14	6	94	0	16
Africanos	11	89	0	9
B. MULHERES	35%	6%	59%	448	21%	10%	70%	275
Branca	33	7	61	221	21	8	71	228
Pardas	35	7	58	204	20	11	69	35
Pretas crioulas	47	0	53	19	12	25	62	8
Africanas	50	0	50	4	25	25	50	4

Fonte: A mesma da Tabela 1.

Notas: Em Sabará havia 82 chefes de domicílios sem escravos e 31 de domicílios com escravos para quem não foram indicados sexo, cor e estado civil. Em Campanha, os números foram, respectivamente, 44 e 35.

A riqueza, obviamente, também mostrou seu efeito seja nas diferentes porcentagens de casados de ambos os sexos nos domicílios com e sem escravos, seja entre Campanha, mais rica, e Sabará, mais pobre. É interessante observar (ver Tabela 4)

que as razões entre os sexos permanecem constantes mesmo que a riqueza explique as diferenças entre os dois tipos de domicílio com escravos e entre as duas comunidades. Parece, com bases nesses dados, que o estado civil dos chefes de domicílio é uma *proxy* bastante aceitável para a riqueza e que os vieses dos sexos tinham igual importância até mesmo nos grupos mais ricos.

Não levando em conta o fato de que todos os cativos eram pessoas de cor (pardos ou pretos), em apenas um outro aspecto pudemos constatar que a cor era uma influência mais importante do que o tipo de domicílio ou a riqueza relativa da comunidade: o aspecto da fecundidade. Devido à falta de tábuas de vida, à confusão quanto à cor das crianças e à precariedade de usar as razões entre mulheres e crianças como *proxy* para a fecundidade, é difícil dar grande ênfase ao resultado de tais estudos neste caso. Porém, algumas constatações ainda sujeitas a comprovação indicam que viver em domicílios possuidores de escravos ou sem escravos pouco influenciava nas taxas de fecundidade, havendo porém diferenças significativas com base na raça.¹³

Contudo, examinando a ocupação dos chefes de domicílio, os fatores da posse de escravos e do gênero mostraram-se mais importantes do que a cor da pessoa para influenciar o *status* e a importância econômica das ocupações arroladas nessas duas

13 Assim, examinando apenas uma razão possível, de crianças de 0 a 9 anos para mulheres de 15 a 49, obtemos os seguintes resultados:

	Domicílios sem escravos		Domicílios com escravos	
	Branco	Total de pessoas de cor	Branco	Total de pessoas de cor
Sabará	830	970	1056	923
Campanha	1403	1126	1533	1004

Neste caso, obviamente, o problema de definir a cor das crianças e a falta de tábuas de vida para os diversos grupos raciais dificulta interpretar plenamente esses dados. Assim, por exemplo, enquanto os filhos mestiços de branco e preto ou de branco e pardo eram arrolados como pardos e deixavam de ser contados no grupo dos brancos, também ocorria que todos os filhos de africanos eram mencionados como pretos nascidos no Brasil. Por este motivo, decidimos incluir todas as pessoas de cor em uma categoria não diferenciada (embora evidentemente o grupo racial dominante entre as pessoas de cor livres fosse o dos pardos). Isto também significaria que os pais brancos estão ligeiramente sub-representados, pois alguns de seus filhos foram para a categoria das pessoas de cor livres. Adicionalmente, sem conhecer a expectativa de vida das mulheres brancas e das mulheres de cor livres, é difícil interpretar plenamente o significado das diferenças nas razões entre crianças e mulheres.

A razão principal de porque a posse de cativos fez pouca diferença global nas taxas de fecundidade está ligada primordialmente às diferentes proporções entre brancos e pessoas de cor livres. As pessoas de cor livres em domicílios sem escravos apresentavam taxas maiores do que as que viviam em unidades possuidoras de escravos. No caso dos brancos, por sua vez, ocorria o contrário, de modo que as duas diferenças compensavam uma à outra. No entanto, praticamente não resta dúvida de que existia uma diferença acentuadíssima nas razões totais entre crianças e mulheres com base na raça.

comunidades.¹⁴ Na rural Minas Gerais do século XIX, como na verdade nos Estados Unidos no mesmo período, pelo menos metade da população rural exercia atividades não-agrícolas.¹⁵ Os domicílios sem escravos e os chefiados por mulheres tendiam a concentrar-se nessas atividades não-agrícolas, enquanto os domicílios possuidores de escravos e os chefiados por homens dedicavam-se muito mais à agricultura - um padrão não muito afetado pela cor dos chefes de domicílio. Tampouco esse foi um fator restrito a apenas uma das comunidades, pois constatamos que tanto em Sabará como em Campanha existiu esse mesmo equilíbrio relativo. O fato de possuir escravos significava que a unidade doméstica tinha uma probabilidade bem maior de produzir açúcar ou outros gêneros agrícolas comercializáveis e bem menor de dedicar-se a uma atividade artesanal, assim como os domicílios chefiados por mulheres de qualquer cor também tinham uma probabilidade muito maior de dedicar-se a atividades artesanais.¹⁶

Esse padrão está bem exemplificado no caso de Sabará. Enquanto apenas 28% dos chefes de domicílios sem escravos dedicavam-se à agricultura ou pecuária, cerca de 51% dos chefes de famílias possuidoras de cativos exerciam tais atividades (ver Tabela 5). As atividades artesanais representavam somente 21% das unidades possuidoras de escravos, mas quase 40% dos domicílios sem escravos.

Nesse quadro encontramos uma dicotomia ainda mais pronunciada entre homens e mulheres. Nos domicílios sem escravos, cerca de 41% dos chefes homens trabalhavam com pecuária e agricultura e 21% com atividades artesanais; por sua vez, 73% das mulheres chefes de domicílio foram arroladas como artesãs, e apenas 4% se dedicavam à agricultura e pecuária. Essa mesma divisão entre os sexos ocorria nos domicílios com cativos em Sabará. Havia mais mulheres na agricultura e pecuária (30%), mas o grupo dominante - 49% - era de artesãs. Dos homens proprietários de escravos, 58% ocupavam-se da agricultura e pecuária, e só 12% trabalhavam como artesãos. Portanto, enquanto a escravidão predispunha até mesmo os domicílios chefiados por mulheres a dedicar-se mais a atividades primárias, a diferença entre os sexos ainda era pronunciada.

14 Em todos os mapas do século XIX que foram examinados, a ocupação dos cativos não é mencionada. Quase todos os estudiosos que trabalharam com esses censos supuseram que, na maioria dos casos, os escravos eram empregados na mesma ocupação que a de seus senhores, com a óbvia exceção das profissões liberais.

15 ATTACK & BATEMAN (1987, p. 26). Esses autores estimam que de sua amostra de quase 21.000 domicílios rurais do meio-oeste e nordeste, 44% dedicavam-se a atividades não-agrícolas.

16 Os têxteis eram sempre a atividade predominante entre os domicílios chefiados por mulheres em ambas as comunidades e entre os homens de Sabará. Em Campanha, porém, os artesãos do sexo masculino exerciam muito mais atividades não-têxteis, em especial trabalhos em madeira, produção de couro e metais.

TABELA 5 - ATIVIDADE OCUPACIONAL DOS CHEFES DE DOMICÍLIOS SEM E COM ESCRAVOS NO MUNICÍPIO DE SABARÁ EM 1831

Categoria ocupacional	Branco		Pardos		Pretos-Crioulos		Africanos	
	hom.	mulh.	hom.	mulh.	hom.	mulh.	hom.	mulh.
I - DOMICÍLIOS SEM ESCRAVOS								
Agricultura	161	8	939	40	92	15	24	0
Pecuária	4	1	22	0	3	0	0	0
Comércio	52	3	211	9	19	0	0	1
Mineração	5	0	43	1	43	7	7	0
Artesãos	67	108	466	795	94	284	3	23
Prof. liberais	9	1	20	6	2	0	1	0
Serviços domésticos	0	0	0	17	0	7	0	1
Sem prof. declarada	99	27	441	175	149	69	31	9
Outros	1	0	11	2	0	0	0	0
Não trabalha	2	5	25	24	8	5	0	2
Subtotal*	400	153	2178	1069	410	387	66	36
II DOMICÍLIOS COM ESCRAVOS								
Agricultura	490	85	272	43	5	2	0	0
Pecuária	15	0	14	3	0	0	0	0
Comércio	126	3	92	6	2	0	0	0
Mineração	15	5	5	1	0	0	0	0
Artesãos	68	92	92	117	6	10	0	1
Prof. liberais	48	2	20	1	0	0	0	0
Serviços domésticos	0	4	0	6	0	0	0	0
Sem prof. declarada	46	29	36	25	1	7	0	2
Outros	1	1	0	1	0	0	0	0
Não trabalha	3	2	3	2	0	0	0	1
Subtotal**	812	223	534	205	14	19	0	4

Fonte: A mesma da Tabela 1.

Notas: * Do total de 4.753 domicílios sem escravos, 54 eram chefiados por pessoas para quem não foram indicados cor, sexo e/ou ocupação.

** Do total de 1.834 domicílios com escravos, 23 eram chefiados por pessoas para quem não foram indicados cor, sexo e/ou ocupação.

Embora o sexo e a posse de escravos afetassem diretamente os tipos de atividade econômica exercida nos domicílios, a cor não era um prognosticador significativo da atividade econômica. Os não-brancos - sobretudo os pardos, que representavam o elemento mais numeroso do grupo de não-brancos - tendiam a exercer as mesmas ocupações que seus compatriotas brancos do sexo feminino ou masculino, e tinham índices de participação aproximadamente iguais nas mesmas indústrias e atividades preferidas por chefes de domicílio brancos, possuidores ou não de cativos.

Os mesmos dois fatores que influenciaram as atividades econômicas em Sabará atuaram no mesmo sentido em Campanha, embora neste caso a agricultura fosse uma ocupação bem mais importante do que em Sabará. Um pouco mais de 70% dos homens em domicílios livres e possuidores de escravos dedicavam-se à agricultura e pecuária em Campanha, e metade das mulheres chefes de domicílio sem escravos e cerca de 30% das possuidoras de cativos foram mencionadas em atividades artesanais (ver Tabela 6). Aqui, novamente, a divisão entre os sexos é mais pronunciada do que a estabelecida pela cor, com os chefes de domicílio pardos atuando nas mesmas áreas de trabalho que os brancos em ambos os tipos de unidades domésticas.

TABELA 6 - ATIVIDADE OCUPACIONAL DOS CHEFES DE DOMICÍLIOS SEM E COM ESCRAVOS NO MUNICÍPIO DE CAMPANHA EM 1831

Categoria ocupacional	Branços		Pardos		Pretos- Crioulos		Africanos	
	hom.	mulh.	hom.	mulh.	hom.	mulh.	hom.	mulh.
I - DOMICÍLIOS SEM ESCRAVOS								
Agricultura	1419	106	715	81	49	15	39	6
Pecuária	0	2	2	1	0	0	0	0
Comércio	89	8	49	18	5	6	2	8
Mineração	2	1	5	0	8	0	3	0
Artesãos	143	152	148	189	29	39	12	22
Prof. Liberais	5	3	6	2	2	0	1	0
Serviços domésticos	0	5	2	6	0	12	0	4
Sem prof. declarada	132	37	146	28	37	7	17	2
Outros	0	0	0	2	0	0	0	0
Não trabalha	12	16	5	8	2	3	0	1
Subtotal*	1802	330	1078	335	132	82	74	43
II DOMICÍLIOS COM ESCRAVOS								
Agricultura	854	125	64	12	8	1	4	3
Pecuária	10	2	0	0	0	0	0	0
Comércio	123	6	15	6	2	3	1	0
Mineração	19	5	7	0	0	0	1	0
Artesãos	46	66	22	13	3	1	2	2
Prof. Liberais	49	1	5	0	1	1	1	0
Serviços domésticos	0	4	0	1	0	0	0	0
Sem prof. declarada	49	16	6	2	5	2	0	2
Outros	0	1	0	0	0	0	0	0
Não trabalha	2	2	0	1	0	0	0	0
Subtotal**	1152	228	119	35	19	8	9	7

Fonte: A mesma da Tabela 1.

Notas: * Do total de 3.896 domicílios sem escravos, 20 eram chefiados por pessoas para quem não foram indicados cor, sexo e/ou ocupação.

** Do total de 1.593 domicílios com escravos, 16 eram chefiados por pessoas para quem não foram indicados cor, sexo e/ou ocupação.

Examinando as ocupações de domicílios sem escravos mais pormenorizadamente, esses mesmos padrões de diferenças baseadas na riqueza relativa em escravos e no sexo do chefe de domicílio destacam-se ainda mais, e além disso são encontrados em ambos os municípios. Contudo, há algumas diferenças sutis, baseadas na cor, que realmente começam a emergir, indicando o contínuo impacto da pobreza devido à herança escrava e/ou o preconceito racial.

Examinando a distribuição das ocupações entre os homens chefes de domicílio sem escravos de Sabará em 1831 (ver Tabela 7, painel 1), observamos que os brancos e pardos estavam presentes mais ou menos nas mesmas proporções nas atividades agrícolas, mas que os pardos tendiam mais a ser artesãos do que seus compatriotas brancos. De um modo geral, os pardos predominavam em relação aos pretos crioulos em uma série de ocupações de *status* mais elevado, embora o pequeno número de africanos pareça ter uma participação ligeiramente maior do que os pretos nascidos no Brasil.

Nesses padrões abrangentes encontram-se algumas variações de pouca monta. Por exemplo, entre os que se dedicavam à agricultura havia a tendência de os brancos serem mais “lavradores”, e os pardos, “agricultores”,¹⁷ mas em outros aspectos pouca diferença havia em seu peso nas ocupações agrícolas de proprietários de terras. Ambos os grupos tinham boa representação como comerciantes (“negociantes”) - com razões acima da média (em termos de sua participação total entre homens chefes de domicílio sem escravos) nesta categoria. Mas à medida que declina o *status* da ocupação, nota-se uma diferença. Tanto brancos como pardos tinham representação menor entre os jornaleiros, que eram trabalhadores não-qualificados, ao passo que os pretos crioulos sem dúvida estavam com representação maior nesta categoria. A porcentagem de pretos crioulos em ocupações especializadas era um pouco maior do que sua porcentagem no total da comunidade. Os brancos apareciam sub-representados nos importantes ofícios de alfaiate, carpinteiro e sapateiro, enquanto os pardos predominavam uniformemente nesses ofícios especializados em comparação com sua proporção no total. Os homens africanos, que chefiavam 2% desses domicílios, apareciam aproximadamente nessa proporção em todas as ocupações importantes de que participavam.

17 Essas designações genéricas de “lavradores” e “agricultores” não indicam propriedade de terra ou *status* socioeconômico, sendo mais provavelmente relacionadas a diferenças na produção agrícola.

TABELA 7 - OCUPAÇÕES PRINCIPAIS DOS HOMENS CHEFES DE DOMICÍLIOS SEM ESCRAVOS, SEGUNDO A COR, MUNICÍPIOS DE SABARÁ E CAMPANHA

Ocupação	Branco	Pardos	Pretos	Africanos	Total
I - SABARÁ					
Lavrador	115	580	69	22	786
Agricultor	34	326	18	2	380
Jornaleiro	2	219	110	10	341
Negociante	31	127	7	0	165
Carpinteiro	14	119	31	1	165
Alfaiate	15	85	16	0	116
Sapateiro	8	86	10	0	104
Mineiro	5	24	22	2	53
Subtotal	224	1566	283	37	2110
Outras ocupações	102	420	93	9	624
TOTAL DE OCUPAÇÕES CONHECIDAS	326	1986	376	46	2734
De ocupação desconhecida	74	192	34	20	320
TOTAL DE CHEFES DE FAMÍLIA	400	2178	410	66	3054
II - CAMPANHA					
Lavrador	1410	707	49	36	2202
Jornaleiro	86	116	34	15	251
Carpinteiro	45	44	11	1	101
Sapateiro	31	33	2	2	68
Negociante	27	15	0	0	42
Neg. de taverna	34	5	0	0	39
Alfaiate	15	16	4	3	38
Ferreiro	10	15	5	2	32
Pescador	11	13	3	0	27
Subtotal	1669	964	108	59	2800
Outras ocupações	102	92	22	13	229
TOTAL DE OCUPAÇÕES CONHECIDAS	1771	1056	130	72	3029
De ocupação desconhecida	31	22	2	2	57
TOTAL DE CHEFES DE FAMÍLIA	1802	1078	132	74	3086

Fonte: A mesma da Tabela 1.

Nota: 54 pessoas de Sabará e 20 de Campanha não têm indicação de sexo ou cor.

Entre as mulheres chefes de domicílio sem escravos em Sabará, a cor não era tanto um sinal de distinção (ver Tabela 8, painel 1). Em todos os quatro grupos classificados segundo a cor, a ocupação principal era de fiadeira de algodão, seguida por tecedeira e costureira. Em seguida, vinham as lavradoras. As brancas e pardas tinham representação maior entre as tecedeiras do que entre as fiadeiras, e sua representação era boa entre as costureiras, ao passo que o inverso valia para as pretas crioulas e africanas. Entre as que trabalhavam em terras agrícolas, as pardas de Sabará, surpreendentemente, apareciam ligeiramente sub-representadas, com

as pretas crioulas e as brancas um pouco sobre-representadas nessa categoria. Também inesperadas foram as elevadas proporções de brancas arroladas como mendigas e inválidas.

TABELA 8 - OCUPAÇÕES PRINCIPAIS DAS MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS SEM ESCRAVOS, SEGUNDO A COR, MUNICÍPIOS DE SABARÁ E CAMPANHA

Ocupação	Branças	Pardas	Pretas	Africanas	Total
I - SABARÁ					
Fiadeira	88	681	257	23	1049
Tecedeira	10	52	16	0	78
Costureira	8	43	5	0	56
Lavradora	5	27	13	0	45
Cozinheira	0	16	4	1	21
Mendiga	2	12	2	2	18
Inválidas	3	12	3	0	18
Subtotal	116	843	300	26	1285
Outras ocupações	10	52	20	1	83
TOTAL DE OCUPAÇÕES CONHECIDAS	126	895	320	27	1368
De ocupação desconhecida	27	174	67	9	277
TOTAL DE CHEFES DE FAMÍLIA	153	1069	387	36	1645
II - CAMPANHA					
Lavradora	105	79	15	6	205
Fiadeira de algodão	74	115	32	11	232
Costureira	48	42	6	9	105
Neg. de taverna	6	11	3	3	23
Mendiga	14	5	3	1	23
Tecedeira	11	10	1	0	22
Paneleira	10	8	0	0	18
Rendeira	7	5	0	0	12
Subtotal	275	275	60	30	640
Outras ocupações	24	41	18	11	94
TOTAL DE OCUPAÇÕES CONHECIDAS	299	316	78	41	734
De ocupação desconhecida	31	19	4	2	56
TOTAL DE CHEFES DE FAMÍLIA	330	335	82	43	790

Fonte: A mesma da Tabela 1.

Examinando os domicílios com escravos em Sabará, evidencia-se que a cor é importante simplesmente em termos numéricos. Entre os homens que chefiavam aqueles domicílios possuidores de escravos, 60% eram brancos (ver Tabela 9, painel 1); até mesmo entre as mulheres, as brancas representavam 49% de todas as chefes de domicílios com escravos (ver Tabela 10, painel 1). Além disso, enquanto o peso relativo da agricultura e atividades artesanais era semelhante ao dos domicílios de

livres, os brancos dedicavam-se mais à agricultura do que as pessoas de cor e muito menos aos ofícios especializados (ver Tabela 9, painel 1). Adicionalmente, o *status* profissional elevado e os empregos públicos tendiam a ser dominados pelos homens brancos proprietários de escravos, embora houvesse alguma pequena representação entre os pardos, entre os quais existia inclusive um padre. Os homens pardos, porém, apresentavam quase a mesma proporção que os brancos na classe dos negociantes.

TABELA 9 - OCUPAÇÕES PRINCIPAIS DOS HOMENS CHEFES DE DOMICÍLIO COM ESCRAVOS, SEGUNDO A COR, MUNICÍPIOS DE SABARÁ E CAMPANHA

Ocupação	Branco	Pardos	Pretos	Africanos	Total
I - SABARÁ					
Lavrador	350	202	4	0	556
Agricultor	130	61	0	0	191
Negociante	102	58	1	0	161
Carpinteiro	14	28	2	0	44
Alfaiate	1	16	3	0	20
Clérigo	17	1	0	0	18
Sapateiro	5	11	1	0	17
Mineiro	13	4	0	0	17
Jornaleiro	2	7	0	0	9
Subtotal	634	388	11	0	1033
Outras ocupações	142	127	3	0	272
TOTAL DE OCUPAÇÕES CONHECIDAS	776	515	14	0	1305
De ocupação desconhecida	36	19	0	0	55
TOTAL DE CHEFES DE FAMÍLIA	812	534	14	0	1360
II - CAMPANHA					
Lavrador	849*	61	8	4	922
Negociante	63	5	1	1	70
Neg. de taverna	24	7	1	0	32
Carpinteiro	15	7	0	1	23
Sapateiro	8	7	0	0	15
Ferreiro	4	3	2	1	10
Alfaiate	2	2	0	0	4
Jornaleiro	5	2	1	0	8
Subtotal	970	94	13	7	1084
Outras ocupações	150	25	2	2	179
TOTAL DE OCUPAÇÕES CONHECIDAS	1120	119	15	9	1263
De ocupação desconhecida	32	0	4	0	36
TOTAL DE CHEFES DE FAMÍLIA	1152	119	19	9	1299

Fonte: A mesma da Tabela 1.

Notas: 23 proprietários de escravos de Sabará e 18 de Campanha não têm indicação de sexo ou cor e, portanto, não foram incluídos na soma das tabelas 9 e 10.

* Inclui cerca de 47 lavradores que foram arrolados também com profissões liberais e entre os quais havia 17 fazendeiros.

Entre as mulheres proprietárias de escravos em Sabará, a agricultura era mais importante, de um modo geral, do que entre as chefes de domicílio sem cativos (ver Tabela 10, painel 1). As proprietárias brancas de cativos de Sabará, assim como os homens brancos proprietários de escravos, também se dedicavam mais à agricultura e menos às atividades artesanais do que as mulheres de cor proprietárias de escravos. Porém igualmente notável é o fato de que as mulheres de qualquer cor proprietárias de escravos dedicavam-se acentuadamente à fiação de algodão, que era a ocupação dominante entre as mulheres de cor e a segunda mais importante entre as brancas. Claramente, neste caso, o gênero teve um papel importante na determinação da ocupação dos chefes de domicílio, com um papel secundário para o fator da cor.

TABELA 10 - OCUPAÇÕES PRINCIPAIS DAS MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS COM ESCRAVOS, SEGUNDO A COR, MUNICÍPIOS DE SABARÁ E CAMPANHA

Ocupação	Branças	Pardas	Pretas	Africanas	Total
I - SABARÁ					
Fiadeira	65	87	10	1	163
Lavradora	76	36	2	0	114
Costureira	13	15	0	0	28
Tecedeira	7	6	0	0	13
Rendeira	7	5	0	0	12
Cozinheira	0	4	0	0	4
Inválida	0	2	0	1	3
Subtotal	168	155	12	2	337
Outras ocupações	28	26	0	1	55
TOTAL DE OCUPAÇÕES CONHECIDAS	196	181	12	3	392
De ocupação desconhecida	27	24	7	1	59
TOTAL DE CHEFES DE FAMÍLIA	223	205	19	4	451
II - CAMPANHA					
Lavradora	126	12	1	3	142
Costureira	40	6	0	0	46
Fiadeira de algodão	11	5	1	0	17
Neg. de taverna	6	3	2	0	11
Tecedeira	7	1	0	1	9
Rendeira	6	0	0	0	6
Subtotal	196	27	4	4	231
Outras ocupações	16	6	2	1	25
TOTAL DE OCUPAÇÕES CONHECIDAS	212	33	6	5	256
De ocupação desconhecida	16	2	2	2	22
TOTAL DE CHEFES DE FAMÍLIA	228	35	8	7	278

Fonte: a mesma da Tabela 1.

O impacto do gênero e da posse de escravos encontrado na distribuição ocupacional entre os chefes de domicílio de Sabará também pode ser visto no distrito mais rico de Campanha, apesar da maior ênfase na atividade agrícola. Em Campanha, assim como em Sabará, os lavradores compunham a categoria ocupacional mais importante entre os homens chefes de domicílio sem escravos. Porém, nesta categoria novamente os brancos apareciam ligeiramente sobre-representados, e os pardos, pretos e africanos um pouco sub-representados. Em contraste, os três grupos de pessoas de cor apareciam sobre-representados nas ocupações especializadas, mas também na categoria de jornaleiro, não-especializada (ver Tabela 7, painel 2).

Entre as mulheres que chefiavam domicílios sem escravos em Campanha, as atividades têxteis dominavam mais da metade dos domicílios. Porém, como em Sabará, as mulheres brancas eram menos representadas entre a categoria das fiadeiras de algodão (ver Tabela 8, painel 2). Em contraste, essas mulheres brancas tinham boa representação como costureiras, ainda que as pardas também estivessem bem representadas neste grupo. Mais uma vez, na incomum categoria de mendigas, as mulheres brancas apareciam em números singularmente elevados, o que não é facilmente explicável.

Entre as famílias proprietárias de cativos em Campanha, os chefes de domicílio brancos do sexo masculino apareciam, como de costume, sobre-representados nas categorias “lavrador” e “negociante” e sub-representados entre os artesãos. Mas os pardos mantiveram-se proporcionais em relação a sua participação na população total nessas categorias, e obviamente estavam sobre-representados nas atividades artesanais e até mesmo como “negociantes de taverna”. Em suma, verificaram-se aqui as mesmas razões que encontramos no caso dos domicílios possuidores de cativos em Sabará.

Embora a atividade têxtil, da fiação e tecelagem até a produção de renda, fosse uma importante ocupação minoritária entre as proprietárias de escravos em Campanha, salientava-se entre todos os grupos raciais a agricultura. Devido à predominância de lavradores, não havia uma variação acentuada por raça nos vários subsetores das atividades têxteis, como ocorria em Sabará.

A partir deste levantamento minucioso das ocupações individuais nessas duas comunidades, evidencia-se que a cor influenciava na definição de certas ocupações, embora menos que o sexo, a riqueza da região individualmente considerada ou o fator da posse de escravos. Mas qual é, de fato, o impacto da cor sobre a verdadeira posse de cativos? Os proprietários brancos possuíam mais escravos que os de cor?

Antes de examinar esse fator cabe notar que, embora esses dois municípios diferissem em riqueza, cor e ênfase sobre a agricultura ou atividades artesanais, a verdadeira posse de cativos nessas comunidades diferia pouco. Não só havia uma estreita semelhança na porcentagem de domicílios possuidores de escravos, mas também, apesar das diferenças no tamanho médio dos plantéis entre as duas comunidades (ver Tabela 11), a verdadeira distribuição dos escravos entre esses domicílios com cativos - medida pelo índice de desigualdade de Gini - apresentava pouca diferença.¹⁸

TABELA 11 - PLANTÉIS MÉDIOS DOS CHEFES DE DOMICÍLIO SEGUNDO SEXO E COR, SABARÁ E CAMPANHA

COR	ESCRAVOS/PROPRIETÁRIO					
	PROPRIETÁRIOS			PROPRIETÁRIAS		
	média	desvio padrão	nº propriet.	média	desvio padrão	nº propriet.
I - SABARÁ						
Branços	13,1	12,2	812	13,3	19,8	223
Pardos	8,8	6,9	534	6,8	4,1	205
Pretos crioulos	7,8	8,0	14	4,9	2,4	19
Africanos			0	3,5	1,9	4
Total	11,4	10,6	1360	9,9	14,6	451
II - CAMPANHA						
Branços	6,5	8,5	1152	7,2	12,1	228
Pardos	4,3	7,4	119	3,4	4,8	35
Pretos crioulos	3,1	3,8	19	7,0	7,6	8
Africanos	1,8	1,3	9	8,8	8,0	7
Total	6,2	8,3	1299	6,7	11,3	278

Notas: 1811 chefes de domicílios com escravos foram arrolados em Sabará com indicação de sexo e cor, com uma média de 11 cativos por domicílio (desvio padrão de 11,7). Para outros 23 proprietários não foi indicado sexo ou cor. 1.577 chefes de domicílios com escravos foram arrolados em Campanha com indicação de sexo e cor, com uma média de 6,3 cativos por domicílio (desvio padrão de 8,9). Para outros 16 proprietários não foi indicado sexo ou cor.

Não obstante, podemos notar diferenças interessantes ao examinar o sexo e a cor dos proprietários nas duas comunidades (ver Tabela 11). É evidente que os homens uniformemente representaram uma parcela maior dos chefes dos domicílios com escravos do que no caso dos domicílios sem escravos (75% dos domicílios com escravos eram chefiados por homens, em contraste com 65% entre os domicílios sem escravos em Sabará; essas porcentagens no caso de Campanha foram,

¹⁸ No caso de Sabará, o índice de Gini para o número de escravos por proprietário e suas participações relativas nos totais em cada categoria foi de 0,599; no caso de Campanha, de 0,554.

respectivamente, 83% e 79%). Surpreendentemente, porém, mulheres e homens possuíam, em média, o mesmo número de cativos. Em Sabará havia apenas uma pequena diferença de menos de dois escravos entre as médias para homens e mulheres, e em Campanha as mulheres apresentavam uma ligeira vantagem em comparação com os homens.

Mas a cor dos proprietários de escravos realmente fazia uma grande diferença. Os proprietários brancos em geral eram consideravelmente mais ricos do que os de cor em termos de cativos possuídos *per capita*. Nas duas comunidades, os proprietários de escravos de cor, como seria de esperar, possuíam uma porcentagem diferente do total de cativos. Em Sabará, com mais pessoas de cor, eles chefiavam 43% dessas unidades com escravos, ao passo que em Campanha esse percentual era de apenas 12%. Embora houvesse mais homens do que mulheres de cor livres que eram proprietários de escravos, também é verdade que as mulheres de cor livres em ambos os municípios eram mais importantes entre as mulheres proprietárias de cativos (brancas e de cor livres) do que os homens de cor livres entre todos os homens proprietários de escravos. Ademais, a importância relativa das mulheres de cor livres que possuíam escravos entre todas as pessoas livres proprietárias de cativos era semelhante em ambas as sociedades. Não obstante, em todos os casos homens e mulheres brancos possuíam, em média, mais cativos do que os proprietários não-brancos. Isso não surpreende, pois a cor indicava uma condição prévia de servidão e uma fatia menor do capital e educação que estavam comumente disponíveis aos brancos. Novamente, dado o tradicional arranjo em três cores no Brasil, não é por acidente que os pardos constituem o grupo isolado mais importante de pessoas de cor livres entre os proprietários de escravos, embora mesmo em Campanha houvesse alguns chefes de família nascidos na África que eram proprietários de escravos. Ademais, mesmo no extremo superior da categoria dos proprietários de escravos, os pardos estavam bem representados em ambas as regiões.¹⁹

19 Na verdadeira distribuição dos proprietários por tamanho de plantel, os pardos de ambas as comunidades estavam surpreendentemente bem representados. De fato, mais bem representados em Campanha do que em Sabará. No primeiro destes municípios, cerca de 3,3% dos homens pardos possuíam 21 ou mais escravos, em comparação com 5,5% dos proprietários brancos do sexo masculino. Por sua vez, 79% dos proprietários pardos possuíam menos de 6 cativos, em comparação com 63% dos proprietários brancos. No caso de Sabará, em contraste, as razões relativas eram de 1,3% para os homens pardos e 8% para os homens brancos, enquanto os que possuíam menos de 6 escravos eram, respectivamente, 84% dos homens pardos e 71% dos homens brancos proprietários de cativos.

Na análise dessas duas regiões em 1831 fica evidente que a população de cor livre e os domicílios sem escravos em geral compunham a parte mais pobre de cada comunidade. Possuir cativos era obviamente um indicador fundamental de riqueza nessas comunidades, e provavelmente implicava também o controle de terras mais extensas e melhores. Embora a maioria dos domicílios sem escravos se dedicasse à agricultura, estas famílias tendiam a participar muito mais das atividades artesanais do que as que possuíam escravos. Além disso, vários índices demográficos indicam que os domicílios sem escravos apresentavam chefes casados em menor proporção, eram de tamanho menor e chefiados por pessoas mais jovens do que no caso das unidades possuidoras de cativos.²⁰

O quadro dos dois terços de domicílios sem cativos em ambas as comunidades mostra um grupo mais dedicado às atividades artesanais e menos à agricultura do que os domicílios com escravos. Os domicílios sem cativos eram compostos muito mais de pessoas de cor do que de brancos. Entretanto, a cor, mesmo nestes domicílios, tinha algum efeito, pois os brancos desses domicílios dedicavam-se mais à agricultura do que seus colegas de cor e tendiam a ser mais bem representados nas ocupações mais qualificadas. Entre as mulheres, claramente, fiação e tecelagem eram quase tão importantes quanto a propriedade de terras e a agricultura, embora novamente fossem as brancas as mais numerosas na tecelagem do que na fiação e aparecessem em maior proporção como costureiras do que as mulheres de cor. Porém, também neste caso as pardas eram normalmente mais semelhantes às suas congêneres brancas do que às outras mulheres afro-brasileiras.

Portanto, com base nesta análise dos dois municípios, o que se pode dizer com respeito às pessoas de cor livres no Brasil do início do século XIX, e especialmente à posição dessas pessoas em Minas Gerais? Elas claramente não compunham um grupo marginalizado e isolado sem acesso aos recursos que uma economia aberta de mercado poderia proporcionar, como ocorreu nos estados escravistas do sul dos Estados Unidos. Um grau significativo de mobilidade econômica já se fizera presente para um importante segmento desses libertos e, de várias maneiras, eles participaram da maioria das ocupações e tipos de domicílios de seus vizinhos brancos. Ademais, a comparação entre os dois municípios evidencia que a presença ou ausência de uma maioria branca não influenciou de modo significativo essa mobilidade. O fato de ainda existir preconceito salienta-se nas divisões por cor entre a categoria dos libertos. Os pardos compunham o grupo dominante entre as

20 Apenas em termos de fecundidade (medida pela razão entre crianças e mulheres) encontramos um contra-resultado muito interessante. Entre as pessoas de cor livres que viviam em domicílios sem escravos, a fecundidade era maior do que entre as que viviam em domicílios possuidores de cativos. A causa dessa diferença não é imediatamente evidente.

peças de cor livres e, na maioria dos casos, tinham representação melhor nessa condição social do que seus congêneres libertos de outras categorias de cor e origem. Mas para esses pardos os índices sociais e econômicos mostram que eles, com frequência, não diferiam tanto assim dos brancos de suas comunidades. Eles obviamente não eram encontrados nos cargos públicos dominantes ou em outras ocupações de suprema autoridade. Mas eram uma massa integrada de trabalhadores que compartilhava a maioria das características de toda a população de nascidos livres e brancos entre a qual vivam. Foram até mesmo um elemento significativo entre o grupo de elite dos proprietários de escravos. Assim, meio século antes do fim da escravidão, os libertos brasileiros foram um elemento importante, competitivo e integrado na sociedade rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente. Estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro, 1808-1822*. Petrópolis, 1988.
- ATAK, Jeremy & BATEMAN, Fred. *To their own soil. Agriculture in the Antebellum North*. Ames, Iowa, 1987.
- AZEVEDO, Celia M. Marinho de. *Onda negra, medo branco. O negro no imaginário das elites - Século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- COSTA, Iraci del Nero da. *Arraia miúda. Um estudo sobre os não-proprietários de escravos no Brasil*. São Paulo, 1992.
- _____. *Minas Gerais: estruturas populacionais típicas*. São Paulo, 1982.
- _____. *Vila Rica: população (1719-1826)*. São Paulo: IPE/USP, 1979 (Ensaio Econômico n. 1).
- _____. & GUTIÉRREZ, Horacio. *Paraná: mapas de habitantes, 1798-1830*. São Paulo, 1982.
- FRAGINALS, Manuel Moreno, KLEIN, Herbert S. & ENGERMAN, Stanley. Nineteenth century Cuban slave prices in comparative perspective. *American Historical Review*, v. 88, n. 4, Dec. 1983.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo, 1969.
- GRAY, Lewis Cecil. *History of agriculture in the southern United States in 1830*. Washington, 1925.
- GUTIÉRREZ, Horacio. Crioulos e africanos no Paraná, 1798-1830. *Revista Brasileira de História*, v. 8, n. 16, 1988.
- _____. Demografia escrava numa economia não-exportadora: Paraná. *Estudos Econômicos*, v. 17, n. 2, p. 297-314, maio/ago. 1987.

- JACKSON, Luther Porter. *Free negro labor & property holding in Virginia, 1830-1860*. 2ª ed. New York, 1968.
- KLEIN, Herbert S. The colored freedmen in Brazilian slave society. *Journal of Social History*, v. 3, n. 1, Fall 1969.
- _____. *African slavery in Latin America and the Caribbean*. New York, 1986.
- LIBBY, Douglas Cole & GRIMALDI, Marcia. Equilíbrio e estabilidade: economia e comportamento demográfico num regime escravista, Minas Gerais no século XIX. *Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP)*, Olinda, v. 3, p. 413-442, 1988.
- LUNA, Francisco Vidal. *Minas Gerais: escravos e senhores*. São Paulo: IPE/USP, 1981 (Ensaio Econômico n. 8).
- _____. & COSTA, Iraci del Nero da. *Minas colonial: economia e sociedade*. São Paulo, 1982.
- LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. Slave and masters in early nineteenth-century Brazil: São Paulo. *Journal of Interdisciplinary History*, v. 21, n. 4, p. 549-573, Spring 1991.
- MATOS, Raimundo José da Cunha. *Corografia histórica da província de Minas Gerais (1837)*. Belo Horizonte, 1981, 2v.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do ouro. A pobreza mineira no século XVIII*. São Paulo, 1982.
- MOTTA, José Flávio. A família escrava e a penetração do café em Bananal (1801-1839). *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 5, n. 1, p. 71-101, São Paulo: ABEP, 1988.
- OLIVEIRA, Maria Inês Cortes de. *O liberto: o seu mundo e os outros - Salvador, 1790/1890*. São Paulo, 1988.
- PAIVA, Clotilde A. Minas Gerais no século XIX: aspectos demográficos de alguns núcleos populacionais. In: COSTA, Iraci del Nero da (org.), *Brasil: história econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1988.
- _____. *A natalidade de Minas Gerais no século XIX: algumas hipóteses*. Trabalho apresentado na Conferência sobre História da População da América Latina, Ouro Preto: 2-6 julho de 1989.
- _____. & KLEIN, Herbert S. Slave & free in 19th century Minas Gerais: Campanha in 1831. *Slavery and Abolition*, v. 15, n. 1, p. 1-21, April 1994.
- PAIVA, Clotilde A. & LIBBY, Douglas Cole. *The middle path: alternative patterns of slave demographics in nineteenth-century Minas Gerais*. Trabalho apresentado na Conferência Mundial de História Demográfica, Vera Cruz: México, 1992.
- PAIVA, Clotilde A. & GODOY, Marcelo M. *Engenhos e casas de negócios nas Minas oitocentista*. VI Seminário sobre a Economia Mineira, Belo Horizonte, 1992.

- PAIVA, Clotilde A. Estrutura e dinâmica da população de Minas Gerais no século XIX. Relatório de Pesquisa do CNPQ, não-publicado, 1990.
- RAMOS, Donald. City and country: the family in Minas Gerais, 1804-1838. *Journal of Family History*, v. 3, n. 4, Winter 1978.
- _____. Vila Rica: profile of a colonial Brazilian urban center. *The Americas*, v. 35, n. 4, April 1979.
- RANGEL, Armênio de Souza. A economia do município de Taubaté: 1798 a 1835. *Estudos Econômicos*, v. 23, n. 1, p. 149-179, jan./abr. 1993.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. *The black man in slavery and freedom in colonial Brazil*. London, 1982.
- SAMARA, Eni de Mesquita. O papel do agregado na região de Itu. *Anais do Museu Paulista*, 1977, p. 13-121.
- SCHWARTZ, Stuart B. Patterns of slaveholding in the Americas: new evidence from Brazil. *American Historical Review*, v. 87, n. 1, Feb. 1982.
- SCHWARZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo, 1987.
- WOODSON, Carter G. *Free negro heads of families in the United States in 1830*. Washington, 1925.
- _____. *Free negro owners of the slaves in the United States in 1830*. New York, 1924.

Tradução de Laura Teixeira Motta, do original "Freedmen in a slave economy: Minas Gerais in 1831". (Recebido em julho de 1995. Aceito para publicação em novembro de 1996).